

O PRAZER E A VIDA BOA NO *FILEBO* DE PLATÃO

Agustinho Rabelo Santos¹²⁷

Resumo: O diálogo *Filebo*, de Platão, propõe uma reflexão profunda sobre a natureza da vida humana e a definição do Bem, questionando se este se identifica com o prazer (*hedoné*) ou com o pensamento (*noûs*). A partir da análise de intérpretes como Maurizio Migliori e Fernando Muniz, é possível compreender a complexidade do discurso socrático e o modo como Platão articula os conceitos de prazer, pensamento e bem supremo. No início do diálogo, Sócrates adverte seu interlocutor, Protarco, de que seu discurso, embora possa parecer rude, não deve ser interpretado como tal. Essa observação inicial já estabelece o tom filosófico da conversa: o diálogo não busca a persuasão retórica, mas a investigação racional da verdade. Protarco, por sua vez, concede plena liberdade a Sócrates para conduzir o debate, afirmando que o filósofo deve seguir o caminho que lhe foi inspirado por algum deus — seja em sonho, seja em vigília. Essa liberdade concedida simboliza a autonomia filosófica necessária à busca do conhecimento e da verdade. Ao abordar o prazer e o pensamento, Sócrates deixa claro que nenhum dos dois pode ser identificado com o Bem em si. Embora ambos tenham valor na vida humana, o Bem, na concepção platônica, é uma realidade superior, princípio ordenador e causa de perfeição tanto do prazer quanto do pensamento. Se o prazer fosse o Bem, argumenta Sócrates, não haveria necessidade de diferenciá-lo em espécies ou graus, nem seria possível fundamentar a vida apenas nele.

Palavras chaves: Platão, *Filebo*, Prazer e Vida boa.

Abstract: Plato's dialogue *Philebus* offers a profound reflection on the nature of human life and the definition of Good, questioning whether it is identified with pleasure (*hedoné*) or with thought (*noûs*). Based on the analysis of interpreters such as Maurizio Migliori and Fernando Muniz, it is possible to understand the complexity of Socratic discourse and the way Plato articulates the concepts of pleasure, thought, and the supreme good. At the beginning of the dialogue, Socrates warns his interlocutor, Protagoras, that his speech, although it may seem rude, should not be interpreted as such. This initial observation sets the philosophical tone of

¹²⁷ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Bolsista da Capes. E-mail: Agustinhorabelo461@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8125-6764>.

the conversation: the dialogue does not seek rhetorical persuasion, but rather the rational investigation of truth. Protagoras, in turn, grants Socrates complete freedom to conduct the debate, stating that the philosopher should follow the path inspired by some god—whether in a dream or while awake. This freedom symbolizes the philosophical autonomy necessary for the pursuit of knowledge and truth. In addressing pleasure and thought, Socrates makes it clear that neither can be identified with the Good itself. Although both have value in human life, the Good, in the Platonic conception, is a higher reality, an ordering principle and cause of perfection for both pleasure and thought. If pleasure were the Good, Socrates argues, there would be no need to differentiate it into species or degrees, nor would it be possible to base life solely on it.

Keywords: Philebus, Plato, pleasure and happiness.

Introdução

No diálogo Filebo, Platão explora o dilema entre os modos da vida de prazer e a vida de conhecimento. A tese inicial, atribuída a Filebo, e transferida a Protarco, afirma que o prazer é o bem supremo para todos os indivíduos. No entanto, Sócrates contesta essa visão, argumentando que o pensamento, a inteligência e outras qualidades intelectuais são superiores ao prazer.

S: Bem, Filebo afirma que, para todos os seres vivos, bom é o agrado, o prazer, o deleite e o quanto for consoante com esse gênero. Na nossa contestação, não é isso, mas o pensamento, a inteligência, a memória e o que lhes for aparentado, como a opinião correta e o raciocínio verdadeiro, são melhores e tem mais valor que o prazer para tudo quanto for capaz de tomar parte nessas coisas; e essas são, dentre todas as coisas, o que há de mais útil para tudo o que existe, que existirá e que possa participar delas. (Platão, Phil., 2012, 11c)

Além disso, Sócrates também questiona a unidade do prazer. Filebo compara o prazer à Afrodite, a deusa do amor e da beleza, sugerindo que o prazer não é uma entidade simples, mas sim complexa e multifacetada. “F: É verdade; mas pouco importa, pois eu me purifico de qualquer impiedade e, como testemunha, invoca agora a minha própria deusa.” (Platão, Phil., 2012, 12 –b)

Nesse sentido, o prazer moderado difere do prazer incontinente, e o prazer do tolo é distinto do prazer daquele que pensa. Partindo para a argumentação, Protarco rejeita essa diferenciação do prazer, afirmando que este “é sempre o mesmo em relação a si mesmo”

(Platão, *Phil.*, 12 e). Essa observação leva a discussão a girar em torno da natureza intrínseca do prazer: seria ele múltiplo ou até mesmo oposto a si mesmo?

Sócrates, então, propõe uma nova versão do problema do “Um e do Múltiplo”, explorando se o prazer pode ser considerado como uma unidade única ou se possui múltiplas manifestações. Essa reflexão filosófica continua a desafiar os pensadores até hoje, pois nos convida a ponderar sobre o valor relativo do prazer em comparação com outras formas de conhecimento e realização

O dilema: vida de prazer ou vida de conhecimento? (11a-14b) A tese de Filebo transferida a Protarco do diálogo é a seguinte: o que é bom para todos os seres vivos é o prazer. Sócrates contesta essa tese afirmando que o pensamento, a inteligência e coisas do gênero são melhores que o prazer. Na sequência (12c), Sócrates coloca em questão a unidade do prazer: o prazer não é uma coisa simples, mas complexa; aparece de várias formas, como a deusa Afrodite. O prazer do moderado, por exemplo, difere do prazer do incontinente; o prazer do tolo difere do prazer de quem pensa. Protarco rejeita a diferença no prazer: ‘o prazer é sempre o mesmo em relação a si mesmo’ (12e). Essa rejeição faz a discussão girar em torno da natureza do prazer: seria ele múltiplo ou até mesmo oposto a si mesmo? Sócrates propõe, então, uma nova versão do problema do ‘Um e do Múltiplo’. (Platão, *Phil.*, 2012, p. 11)

Como se pode ver, Sócrates levanta a questão de se é possível haver prazeres falsos e qual a sua possível correlação com falsos medos e demais coisas que são possíveis de nos enganar. Porém, Protarco não aceita o argumento de Sócrates de que: há prazeres falsos, porque, se se tem prazer, é impossível que ele seja uma ilusão. No passo 37-a, Sócrates retorna a sua comparação do prazer com a opinião, para tentar convencer Protarco da validade de sua analogia, diz ele:

S: Delimitemos, então, de modo ainda mais claro o que dissemos há pouco sobre o prazer e a opinião. O opinar é, certamente, alguma coisa para nós?

P: Sim.

S: E o ter prazer?

P: Sim.

S: E ainda, aquilo sobre o qual se opina é também alguma coisa?

P: Como não?

S: Como também com relação àquele no qual aquele que tem prazer, tem prazer?

P: Também.

S: Assim, em relação àquilo que opina, quem quer que opine, seja corretamente ou não, nunca elimina o fato de ter realmente opinião.

P: Como poderia?

S: Assim, também, com relação àquilo que tem prazer, quem quer que tenha prazer, corretamente ou não, é claro que jamais eliminará o fato de ter realmente prazer (Platão, *Phil.*, 2012, p. 37a).

Sócrates também observa que o prazer, sendo ele falso, pode estar acompanhado de uma opinião, ainda que ela não seja verdadeira. Com isso, percebe-se que a relação em torno do discurso, sobre o prazer ser verdadeiro ou não, é uma questão de analisar o que pode ser considerado como um discurso que não é baseado em uma opinião verdadeira. O que definirá

um prazer, é ter chegado ao seu alvo, sem interferência de falsas opiniões. O que ocorre com as opiniões e sensações que podem ser falsas.

Além disso, prazeres e dores, que surgem antes na alma do que no próprio corpo, estão diretamente ligados à questão da expectativa que se têm deles. Na análise sobre o indivíduo que tem um prazer que pode ser classificado como, um prazer que é considerado como o excesso ou a medida, Protarco deixa explícito que o prazer se encontra na medida das coisas, nada que a ultrapasse pode gerar algum tipo de prazer para o corpo ou a alma, o contrário disso, gera nos insensatos e nos excessivos um grau de sofrimento.

Retomando a questão do prazer e da opinião, a exemplo de uma expectativa em torno de algo: se um indivíduo vai à praia, ele tem a esperança de que essa ida traga para ele uma calma, mas tudo isso é uma questão de crença e não de um conhecimento verdadeiro, sendo baseado em uma esperança que não é um prazer verdadeiro. A esperança reside em uma busca por um prazer, mas que não é um conhecimento, apenas a crença de que determinada ação irá gerar um prazer, o que é falso. Logo, descarta-se a possibilidade de o prazer e a opinião serem totalmente distintos, não tendo uma dependência mútua, mas há, na argumentação socrática, a ideia de que, quando se tem uma opinião e ela está vinculada a uma esperança de que pode surgir um prazer, um deleite em um ato ou na expectativa de ocorrência, trata-se apenas da falsidade de estar vivendo um momento prazeroso. A opinião e o prazer entram em cena porque, para Protarco, o prazer era gerado através do efeito do ato de opinar, mas, após a argumentação socrática, a sustentação do seu interlocutor não pode ser mantida. Como bem afirma Fernando Muniz:

Sócrates parece fazer do prazer um elemento intrinsecamente vinculado à doxa. A atividade cognitiva exposta assim na atividade do prazer torna plausível, aos olhos atuais, o problema da falsidade dos prazeres. Sendo o prazer algo que ocorre sempre na crença «que p» irá ocorrer, a verdade ou falsidade de «p» recolocaria a questão em termos cognitivos, e o prazer poderia assim ser entendido como atitude proposicional —que pode, sim, ser verdadeira ou falsa—. Se eu tenho prazer «em comer chocolate», preciso acreditar «que isto é chocolate». E se eu tenho prazer «em p», eu acredito «que p». Deste ponto de vista, o prazer não pode ser encarado da maneira como Protarco teria entendido, como sendo um efeito da doxa, um elemento irreduzível a ela, não-contaminado por ela, que se distingue dela apenas pela situação em que ocorre. (Muniz, 2013, p. 300)

O prazer não afeta apenas as sensações, como acreditava Protarco, mas tem uma ligação com o pensar, julgar e acreditar. Desse modo, o prazer e a opinião têm uma relação direta e intrínseca, e a afirmação de uma crença que não é verdadeira pode tornar o prazer em uma ilusão. O âmbito do opinar e o do prazer têm uma relação conjunta, que pode tornar a existência uma complexidade em torno do falso e do verdadeiro bem de uma vida.

O filósofo fez uma escada no quesito de comparativos do prazer, para que a sua tese fosse considerada válida, a de que o desejo deve ser visto como a esperança de que algo pode ocorrer, de que a expectativa vai ser suprida e, em seguida, fundamentará a sua tese de que também existem prazeres que estão incluídos no âmbito do verdadeiro e do falso.

Platão afirma que existem na vida opiniões que são dadas de maneira demasiada e que estão cheias de esperanças, o que ocasiona um dos três tipos de falsos prazeres que são elencados no *Filebo*: o da expectativa. Entra a questão da particularidade e da universalidade. Seria apenas dada a um indivíduo a afirmativa de que ele vive uma vida que é baseada em opiniões e que tem como consequências uma variedade de esperanças, ou seja, vários desejos são encontrados na sua existência, e ele tem como objetivo ser acometido por um prazer que vai proporcionar uma vida boa, o que pode acabar sendo um erro e tendo como consequências dores maiores do que um prazer imediato. Porém, no argumento socrático, é identificado que não é uma afirmativa que deve ser colocada apenas em um, mas é uma lei universal: todos vivem uma vida de opiniões a cada instante e também têm a esperança presente na vida. Ou seja, são coisas que estão presentes na natureza da humanidade, como bem afirma Mauricio Migliori:

Platão fecha o círculo: primeiro ele transformou o desejo em esperanças, a partir daí passou à questão sobre a verdade e a falsidade do prazer que se segue. Para isso, teve que ampliar a discussão para as opiniões que se revelaram discursos e imagens que, por estarem voltadas para o futuro, são esperanças. Assim, nossa vida, como está cheia de opiniões, está cheia de esperanças: esse é o estado existencial normal do homem, não uma situação particular e excepcional. Assim, foi estabelecida uma ligação entre prazeres e opiniões, em seu aspecto emocional de esperanças, que parece ser muito estreita. Na verdade, o prazer é a manifestação da própria esperança: eu estou contente na medida em que espero que ...¹²⁸ (Migliori, 1998, 222)

Desse modo, como é elucidado pelo comentador os prazeres e as opiniões possuem uma correlação no que concerne ao emocional, no aspecto das esperanças, o que diz respeito ao prazer e tem uma relação direta com a maneira como a esperança se manifesta. A título de exemplo: Sócrates propõe um prazer que proporciona felicidade, mas este prazer está sendo sentido na medida em que ele busca esperar que algo aconteça ou, em relação a uma atitude sua, determinar que, como resultado de sua ação, ocorrerá o prazer, mas, na realidade, se depara com um falso prazer. Com isso, Sócrates estará feliz conforme a sua atitude em esperar que o seu desejo seja realizado.

Foi estabelecida uma ligação tanto do prazer com a opinião, mas não é uma interligação no corpo no que se refere aos prazeres corporais. Para Sócrates, os prazeres e as dores são

¹²⁸ Para todas as citações em língua estrangeira as traduções são de nossa autoria.

encontrados na alma humana, ou seja, apenas estão localizados nela; não é possível que sejam identificados prazeres e dores verdadeiros e falsos na alma, pois ela sente e é acometida apenas pelo que existe de mais verídico.

Para Mauricio Migliori, a afirmativa socrática de que pode existir prazer e dor que são ilusões tem como objetivo validar a argumentação que é posta por Protarco, de que jamais poderia classificar o prazer e a dor como algo falso. Em nenhuma hipótese, a afirmativa estaria colocada de forma correta com a realidade, até porque aquele que sonha, que tem um delírio ou que é louco possui as sensações e é acometido por um momento de êxtase do prazer ou da dor. Mas o que seriam, a princípio, os prazeres falsos? A resposta que é fornecida e que já estava nas entrelinhas do parágrafo é de que é tudo aquilo que não corresponde à verdade, que é ilusório e irreal. Nesse sentido, esclarece Migliore:

Sócrates chegou ao ponto que queria demonstrar, estabelecendo uma conexão entre prazeres e opiniões em que aparecem como interligados, pelo menos no que diz respeito aos prazeres espirituais. Nas almas humanas há prazeres e dores verdadeiras e ridículas imitações destes: os prazeres e as dores falsas. Essa ridicularidade nos remete à afirmação inicial de Protarco, que excluía a existência de prazeres e dores falsas mesmo em caso de sonho, loucura e delírio. Essa é a característica dos prazeres falsos: são prazeres de algo que não existe, como acontece no sonho, no delírio e na loucura, são terríveis àqueles estados ridículos quando estamos acordados. (Migliore, 1998, p. 226)

No próprio *Filebo* é possível encontrar três exemplos: o primeiro é com relação a doenças vergonhosas, a exemplo da coceira, a qual pode vir acompanhada de dor e prazer. Aqui, Sócrates faz a relação da mistura, ou seja, podendo existir no corpo e na alma, ao mesmo tempo, a sensação de que possui em si e a duplicidade do alívio e da inquietação.

O segundo exemplo está relacionado ao “Conhece-te a ti mesmo”, porém, quando o homem não se conhece, segundo Sócrates, há três espécies de experiência na alma: a) pensar que tem mais daquilo que na realidade não possui; b) diz respeito ao belo, aquele que pensa ser mais belo do que realmente é em relação ao próprio corpo; e, c) são os que dizem possuir maior grau de virtude, quando não dispõe dela.

“Conhece-te a ti mesmo”, o oposto a isso seria não conhecer de modo algum a si mesmo” (Platão, *Filebo* 147- d). Por último é citada a inveja que está relacionada ao divertimento, que possui duas divisões: os fortes e os fracos. O primeiro tipo de inveja, é ocasionado por motivos de risos, os homens são capazes de se vingar; já o segundo não possui tal coragem frente aos risos dos outros. Dois tipos distintos de ignorância, a primeira relacionada aos fortes é odiosa e vergonhosa, e a dos fracos é ridícula. A inveja e o riso são simultâneos. Em certos casos o prazer tem a sua relação com o ter algo, o argumento de que a

opinião e o prazer podem ser falsos é relacionado com a questão de que eles sempre alcançam, ou não, o seu objeto que deseja, quando isso não acontece, o prazer e a opinião não alcançam o seu alvo, passam a ser considerados falsos, logo, não é possível dizer que existe prazer e opinião (*doxa*) que não correspondam à realidade. O uso da razão é indispensável na observação dos prazeres verdadeiros, além disso, é necessário ressaltar que as sensações podem gerar engano, desse modo, pode ser que se tenha a ilusão de que se tem prazeres através do que só é possível perceber pelo sensível.

Prazeres mistos

Os prazeres mistos, que são os somáticos, são os que têm como objetivo o preenchimento de uma carência. Os psicofísicos, a antecipação, busca por meio da expectativa preenche a falta que diz respeito ao somático (física ou deficiência), e os que dizem respeito ao pensamento psíquico, que está ligado diretamente com o riso e a dor, é a própria comédia. Os prazeres de antecipação, os que podem causar dores, eles que estão no âmbito do que pode ser considerado como prazeres que geram expectativas, as quais podem não ser concretizadas, gerando um falso prazer que se transforma em dores.

Os prazeres misturados, associados à dor, dividem-se—pelo menos analiticamente—em três classes: os primeiros são aqueles de fonte somática, quer dizer, aqueles que preenchem uma deficiência ou uma falta física percebida, restaurando uma harmonia fisiológica —por exemplo, os prazeres e dores que acompanham a fome e a sede—. Os segundos misturados são psicofísicos: surgem da expectativa de restauração da referida deficiência somática, sendo, por isso, prazeres e dores de antecipação (47c-e); e, por fim, a terceira classe de prazeres misturados, que são puramente psíquicos, por exemplo, o prazer do riso na comédia: essa estranha mistura de prazer e dor que ocorre apenas na alma. (MUNIZ, Fernando. Os prazeres falsos no Filebo de Platão. *In: Anais de Filosofia Clássica*, [S.l.], v. 3, n. 5, p. 30-39, 2009)

A antecipação através do discurso interno ou que passa a ser uma opinião, a qual outros podem ouvir, pode gerar uma falsa opinião o que ocasiona em um falso prazer; tendo em vista que o livro requer ser escrito com antecedência e que as imagens que se fazem presentes nele, pode ou não coincidir com a realidade do prazer que pensa alcançar, retornando ao argumento da expectativa. Poderíamos dizer que os prazeres verdadeiros são os que não possuem mistura alguma, eles estão ligados ao olfato e visão, ou seja, a harmonia das músicas, as artes e os aromas dos perfumes.

Os prazeres verdadeiros são puros, sem a necessidade de buscar nos outros as suas satisfações. Nesse sentido, são os mais nobres entre os prazeres dos homens. Sócrates traz um exemplo relacionado com branco sem mistura alguma e branco misturada com outras cores,

com isso, o intuito dele é direcionar Protarco a observar que a pureza do branco é mais bela e prazerosa.

S: Como e qual seria a pureza do branco? Seria a da grandeza? Da quantidade? Ou a da ausência completa de mistura, na qual não há parcela alguma de nenhuma outra cor?

P: Obviamente, a mais imaculada possível.

S: Correto. Estamos estabelecendo não a coisa mais numerosa ou a maior, Protarco, mas a mais verdadeira e ao mesmo tempo a mais bela de todas as coisas brancas, não?

P: Corretíssimo.

S: Ao afirmarmos que uma pequena quantidade de branco puro é mais branca que uma grande quantidade de branco misturado, afirmaremos consequentemente que ele é também mais belo e mais verdadeiro que o branco misturado. Estaremos falando assim de modo inteiramente, correto?

P: O que há de mais correto. (Platão, *Phil.*, 2012, p. 53 a - c).

Além disso, Sócrates deixa explícito que o prazer puro só é possível na alma, não no que concerne aquilo que é perceptível aos olhos, olfato e os ouvidos. Por exemplo, a coragem, a moderação e a inteligência. Aqui, pode-se dizer que os prazeres puros são no âmbito do inteligível, só a alma consegue ter prazer sem mistura, sem que tenha dor, e não é possível usufruir de um prazer puro simplesmente pelo lado sensível, mas que a razão deve direcionar o homem para alcançar o alvo desejado. Para finalizar, vale ressaltar que os prazeres verdadeiros podem ser estéticos ou visuais, ou derivados do processo de conhecimento (Platão, *Filebo*, 2012, p. 51c - 52b).

A diferença exposta, entre o que seria um possível prazer falso, evidência que possa existir uma ilusão acerca do que realmente deve ser a fonte de prazer verdadeiro e o que não é uma simples forma de preencher o vazio, o qual não significa o alcance do alvo. Por exemplo, posso estar na companhia de alguém, o que significa o complemento do vazio, porém, a pessoa pode estar com a presença de uma angústia, o que gera dor; logo, é nítida a ausência de prazer no indivíduo.

Os prazeres verdadeiros no *Filebo* de Platão (50 e – 55 c)

Na passagem 51b, Platão apresenta os tipos de prazeres que devem ser considerados verdadeiros. Na análise do filósofo, só podem ser classificados como verdadeiros aqueles que estão no âmbito das belas cores, das formas, dos aromas e dos sons. No entanto, ele não os considera totalmente perfeitos, mas acredita que eles têm a capacidade de suavizar a sua imperfeição de maneira delicada. Na argumentação socrática, os prazeres verdadeiros são

aqueles cuja finalidade é preencher o que é perceptível e que, portanto, são prazerosos, como é mostrado a seguir:

P: Mas quais deles, Sócrates, alguém, refletindo corretamente, poderia supor os verdadeiros?

S: Os ligadas as chamadas belas cores, as figuras, a maior parte dos aromas e aos sons; em suma, todas as coisas cuja deficiência é imperceptível e indolor e que fornecem preenchimento percebidos e prazerosos, puros de dor. (Platão, *Phil.*, 2012, p. 51 b)

Há uma hierarquia em relação aos verdadeiros prazeres. Platão os classifica conforme a proximidade com o divino: desde os mais próximos até os que pouco se aproximam. Dessa maneira, a ordem estabelecida segue um critério. O prazer das formas e o das melodias são considerados mais divinos do que o dos aromas, devido à sua finalidade em si mesmos. Eles não são belos por causa de outra coisa; a beleza está neles próprios — nas formas e nas melodias. Assim, não é possível afirmar que um prazer proveniente desses dois elementos seja considerado belo por depender de algo externo. Segundo o filósofo, seus prazeres não decorrem de outro objeto ou coisa, mas de si mesmos. Ou seja, o prazer surge diante do que é belo em si, daquilo que produz melodias suaves e límpidas, sons considerados puros.

Sócrates coloca a questão do prazer que se adquire durante a aprendizagem, mas não busca fazer uma ligação entre a falta de aprendizado e o prazer em aprender. Para ele, existe uma distinção que deve ser observada, tendo em vista que a falta sempre ocupa um lugar que permite a existência de prazeres falsos.

S: A esses vamos juntar os prazeres da aprendizagem, desde que não os tomemos como provenientes da fome de aprender, nem como resultantes dos sofrimentos originados na fome de aprender. (Platão, *Phil.*, 2012, p. 52 e)

Além disso, quando se coloca a fome de aprender ou os sofrimentos de aprender, ambas as concepções estão baseadas em uma carência, não sendo considerado como um prazer verdadeiro aquele desejo que nasce de uma falta, dos ignorantes ou por uma vontade de preencher algo. Para Platão, a aprendizagem que conduz ao prazer tem relação com a verdade, com o belo e com o verdadeiro conhecimento. Quando ele faz menção à aprendizagem que surge resultante do sofrimento, existe uma crítica aos que pensam em saciar o sofrimento, a dor que está sendo acarretada através de um processo de aprendizagem que não é a busca pelo que é belo ou pelo verdadeiro conhecimento, mas apenas um momento em que se faz a busca por um prazer que é considerado negativo, ou seja, não sendo ele puro, tendo como implicação uma troca em que um prazer surgirá a partir do momento em que a dor da ignorância será cessada momentaneamente. Platão repudia esse tipo de prazer.

Ademais, no âmbito do prazer verdadeiro, ele deve ser observado como aquele que é puro, ou seja, não tem mistura alguma. Há o exemplo do branco: sendo ele sem mistura, é o que mais representa a pureza. Platão não classifica como o mais prazeroso ou como totalmente desprendido de qualquer falsidade ou impureza aquilo que se define pela quantidade ou pela grandeza. A pureza do branco não se localiza nesses dois âmbitos; para o pensador, o que irá determinar a pureza do branco é a sua ausência de mistura com outra cor, a sua verdadeira brancura e aquilo que é mais belo:

S: Como e qual seria a pureza do branco? Seria a da grandeza? Da quantidade? Ou a da ausência completa de mistura, na qual não há parcela alguma de nenhuma outra cor?

P: Obviamente, a mais imaculada possível.

S: Correto. Estamos estabelecendo não a coisa mais numerosa ou a maior, Protarco, mas a mais verdadeira e, ao mesmo tempo, a mais bela de todas as coisas brancas, não?

P: Corretíssimo.

S: Ao afirmarmos que uma pequena quantidade de branco puro é mais branco que uma grande quantidade de branco misturado, afirmamos consequentemente que ele é também mais belo e mais verdadeiro que o branco misturado. Estaremos falando assim de modo inteiramente correto?

P: O que há de mais correto. (Platão, *Phil.*, 2012, p. 53 b)

O exemplo que é colocado em relação à pureza do branco — sendo feito um comparativo entre uma quantidade pequena de branco puro e uma quantidade maior de branco misturado — evidencia que é a pequena quantidade o mais verdadeiro e o mais belo.

Com isso, Platão considera que será possível delimitar a questão dos prazeres verdadeiros: eles são totalmente puros, ou seja, não podem ter nenhuma relação com a dor. Por mais que os prazeres que surgem em grande quantidade sejam considerados prazerosos, eles recaem na mistura com a dor, com a desmedida, a intemperança e a impureza. Já o prazer, por menor que seja, se surge livre de qualquer mistura, com a medida certa, a temperança e a pureza, deve ser visto como o prazer mais verdadeiro e belo que se tem:

S: E então? Certamente não precisaremos de muitos exemplos desse tipo para argumentar sobre o prazer. Basta-nos conceber que todo prazer – pequeno ou raro – desde que puro de dor, será mais prazeroso, mais verdadeiro e mais belo que o maior e mais frequente. (Platão, *Phil.*, 2012, p. 53 e)

O prazer não é um ser, mas está relacionado com um vir a ser, o qual, na análise platônica, tem a sua fundamentação anteriormente. Foram os antigos que já denominaram o prazer como um estado de vir a ser, que difere do bem, não sendo possível classificá-lo como o que há de mais sublime, no aspecto de que serve como amparo para saciar a falta de algo, como bem explicitado através dos exemplos no *Filebo*, de que, para alguns indivíduos, eles só poderiam desfrutar de um prazer quando estivessem sentindo fome, sede e demais coisas que

podem colocar o prazer como o bem — aquilo que serviu como um ser —, mas, na realidade, o que se tem é apenas a escolha que implicará na escolha de uma vida que é de pensamento, mas também de corrupção, mesclada com o vir a ser.

Além disso, é defendido pelo filósofo e consentido pelo jovem interlocutor a impossibilidade de se colocar o prazer como sinônimo do bem. Ambos são distintos e têm suas finalidades de maneira diferente. Aquele que opta por uma vida baseada em estar constantemente buscando saciar sua fome e sede com o intuito de desfrutar de um prazer, estará caindo no âmbito da dor e do prazer — ou seja, viverá na junção da mistura. Isso porque quem pensa que o prazer deve ser visto como uma forma de afirmar que há um “ser” do prazer, vive a vida mista, não tendo a vida de pensamento como condutora — esta, sim, é a mais pura, pois busca o verdadeiro conhecimento e o bem:

S: Não admitimos todos que a corrupção é o contrário do vir a ser?

P: Necessariamente.

S: Então, alguém que escolhesse isso, estaria escolhendo corrupção e vir a ser, mas não aquela terceira forma de vida, na qual não há nem prazer e nem dor e sim a vida de pensamento — do mais puro pensamento possível.

P: Ao que parece, Sócrates, colocar o prazer como um bem para nós resulta num enorme absurdo. (Platão, *Phil.*, 2012, p. 55 a)

Vida mista e vida feliz

Para Platão, aquele que tem como pretensão a obtenção de prazeres deve ter o conhecimento, o pensamento e a opinião verdadeira sobre o que venha a ser o prazer e quando está sendo tomado por um prazer. Pois, se há ausência de conhecimento, também deve haver ausência de prazer, porque o ignorante desconhece, não tem como formar um pensamento que corresponda à verdade das coisas e jamais terá a noção necessária para formular uma opinião verdadeira que justifique a presença de um prazer. Desse modo, para o filósofo, é de suma importância que se tenha conhecimento para que seja possível formular qualquer coisa que faça referência a uma vida prazerosa. Estar acorrentado a uma vida apenas prazerosa levaria ao desconhecimento do que realmente é o prazer, restando apenas uma opinião falsa no que concerne à vida boa:

S: Tal pessoa deve colocar na mesma classe a memória, o pensamento, o conhecimento e a opinião verdadeira, e se perguntar se, sem eles, alguém aceitaria para si mesmo ter ou adquirir seja lá o que for, mesmo que se tratasse do prazer, o maior ou o mais intenso, pois não poderia ter uma opinião verdadeira de que está tendo prazer, nem poderia, de maneira alguma, reconhecer o tipo de afecção que experimentou, nem conservar, por um momento sequer, alguma memória de afecção. (Platão, *Phil.*, 2012, p. 185 d – 187 e)

Mas o mesmo ocorre em relação ao conhecimento: não é possível que um indivíduo tenha apenas uma vida que seja demasiadamente puro conhecimento, sem que se efetive em si um sentimento de prazer por estar conhecendo. Sócrates irá questionar seu interlocutor sobre quem seria o indivíduo capaz de ter uma vida composta apenas pelo pensamento, separado do prazer, enquanto existem aqueles que podem desfrutar de um momento em que o deleite do prazer se faz presente — por mais breve que seja —, seja pela sua alta intensidade ou não. O filósofo vai enumerar as possibilidades que o jovem poderá aplicar tanto a si próprio quanto aos outros: se seria louvável ter uma vida composta apenas de prazer ou uma que possua apenas conhecimento, sendo ambos distintos, com finalidades totalmente diferentes e voltadas à busca por uma vida boa. Há a possibilidade de se ter uma vida que seja totalmente puro conhecimento ou uma vida que se restrinja ao prazer, o que Sócrates apresenta como duas vias que não são louváveis a serem seguidas. Mas há uma terceira espécie de vida: a mistura entre o prazer e o pensamento, ambos em harmonia, que tendem para o bem, para a busca do verdadeiro conhecimento.

Que a pessoa diga o mesmo do pensamento: investigue se alguém aceitaria possuir o pensamento sem qualquer tipo de prazer – ainda que seja o mais breve – antes que ter o pensamento acompanhado de alguns prazeres, ou se aceitaria todos os prazeres separados do pensamento, em vez de todos os prazeres acompanhados de algum pensamento. (Platão, *Phil.*, 2012, p. 185 d - 187e)

Com isso, Platão afirma que a busca pelo Bem não se encontra na vida sem mistura. Não é possível que uma vida repleta apenas de prazer ou apenas de conhecimento aproxime alguém do Bem. A vida que conduz e que terá grande influência para que os indivíduos encontrem o Bem está na vida mista, ou seja, na vida boa. Como é afirmado no *Filebo*, na passagem 61b, Platão sustenta que a vida boa é a mais influente quando alguém deseja encontrar o Bem.¹²⁹

Mas quando se refere a mistura, a uma vida que tem tanto o conhecimento quanto o prazer, é pensado que todos tipos de ambos os conceitos devem estarem inclusos, para que seja possível alcançar a vida boa, o que colocaria Platão em contradição com o que afirmou no início, de que os prazeres puros e as técnicas mais puras é quem conduziria ao bem; mas o filósofo vai colocar que nem todos os prazeres e nem todos os conhecimentos devem estarem participando da vida mista, é necessário que se tenha uma balança para que seja medido aquele

¹²⁹ S: Assim, também, nosso argumento nos indicou há pouco, como já o fizera no começo, que não devemos buscar o bem na vida não misturada, mas na vida mista. (Platão, *Filebo*, 2012, p. 61 b)

prazer mais puro e verdadeiro, e os conhecimentos que também, correspondam com a verdade, essa afirmação é defendida e trazida por Platão:

S: Não há, como acreditamos, tanto um prazer mais verdadeiro que outro, assim como uma técnica mais precisa que outra?

P: Como não?

S: Mais ainda, julgamos também que um conhecimento se distingue de outro: um fixa o olhar nas coisas que vem a ser e parecem, o outro, nas que nem vem a ser e nem parecem, mas que sempre são do mesmo modo e sempre estão no mesmo estado. E do ponto de vista da verdade, pensamos que o segundo é mais verdadeiro que o primeiro. (Platão, *Phil.*, 2012, p. 61 d - e)

Como se nota na passagem acima, Platão faz menção às ideias, sendo estas as mesmas, que não “vêm a ser” e que não aparentam ser, mas simplesmente **são** — ou seja, permanecem sendo. Logo, não há possibilidade de mudança quando se olha para a forma das coisas, e não para as possíveis alterações que elas possam ter. Não se deve, portanto, atentar apenas ao que parece ser. Sendo assim, o conhecimento que tem como base a verdade está relacionado ao conhecimento das formas, ou seja, das ideias.

O jovem interlocutor de Sócrates salienta a importância de incluir não apenas os conhecimentos divinos como base que deve guiar a vida, mas também aqueles pertencentes à esfera do humano. Ou seja, há uma ligação entre o sensível e o inteligível que se faz presente na argumentação de Protarco, na passagem 62b: **P**: “Que disposição ridícula essa que estamos supondo, Sócrates, que nos restringe apenas aos conhecimentos divinos.” Com essa afirmativa, defende-se que, na vida, deve haver também a presença da técnica — ainda que ela seja insegura, impura e sem compromisso com a verdade. Segundo o jovem, a música — sobre a qual também se discutiu sua impureza e sua imitação do real — deve igualmente estar presente em uma vida que seja mista, pois, se é vida, deve conter também essas misturas impuras, falsas e que não correspondem à realidade das formas. Na afirmação de Protarco, ele caracteriza o conhecimento que possui pouca ou nenhuma verdade como algo próprio do humano, fazendo uma distinção entre a técnica divina e a técnica humana. Como se nota na passagem 62c: **P**: “Se nossa vida for, de alguma forma, uma vida, para mim, parece necessário.”

Mas, para Protarco, é necessário, antes de tudo, estar de posse dos conhecimentos verdadeiros. Não se trata de simplesmente abrir a porta e deixar que entrem de maneira desordenada. Os conhecimentos puros devem sempre ser os convidados a entrar na casa daqueles que buscam a verdadeira sabedoria. No entanto, isso não impedirá, segundo a argumentação apresentada pelo jovem, a entrada de conhecimentos impuros. Ambos estarão presentes na mesma casa, mas de maneira totalmente distinta, sendo o conhecimento puro — verdadeiro e ligado à busca pelo bem — o mais louvável.

Sócrates faz uma reflexão em torno dos prazeres: seriam eles autossuficientes a ponto de poderem viver à parte do conhecimento, permitindo que se obtenha uma resposta a partir do próprio prazer? Ele realiza um jogo de pergunta e resposta, como o próprio filósofo costuma fazer.

S: “caros amigos, quer vos designemos pelo nome de ‘prazeres’, ou por outro nome qualquer, vós aceitaríeis viver com todo tipo de pensamento, ou aceitaríeis viver a parte do pensar?” Diante disso, creio que responderiam necessariamente o seguinte? (Platão, *Phil.*, 2012, p.63 b)

Desse modo, o prazer tem como objetivo, dentro do pensamento platônico, solucionar a questão que foi formulada. Trata-se de uma espécie de análise realizada no próprio prazer, sem depender de uma solução externa, pois há a necessidade de se fazer uma autoanálise dos prazeres que ocorrem. Eles não são vistos como separados do ato de pensar, ou seja, devem estar ligados ao conhecimento.

A resposta que Sócrates supõe que os prazeres devem dar é que eles não pertencem a qualquer gênero separado, sendo autossuficientes; ou seja, trata-se de uma análise segundo a qual nenhum gênero vive isolado. Com isso, a resposta não diz respeito apenas ao prazer, mas a qualquer gênero. Sendo assim, tanto o prazer quanto outros tipos de gênero necessitam do conhecimento.

De forma objetiva, a resposta é que o gênero do prazer deve manter um convívio direto e essencial com o conhecimento, pois é o conhecimento que melhor compreende tanto os prazeres impuros quanto os puros, os desmedidos e os moderados, os que têm relação direta com a verdade e os que apenas buscam o parecer, e não a essência da coisa. Como afirma Sócrates:

S: Tal como foi dito anteriormente: “não é, de modo algum, possível nem útil que qualquer gênero permaneça só, isolado e imaculado. Mas acreditamos que, para conviver conosco, o melhor dentre todos gêneros, comparados um a um, é aquele que, além do conhecer todas as diferentes coisas, conhece, especialmente, cada um de nós da maneira mais perfeita e completa possível”. (Platão, *Phil.*, 2012, p.63 c)

Platão levanta uma questão em relação ao conhecimento, perguntando se seria possível que ele se misturasse com os diversos tipos de prazer — tanto os falsos quanto os verdadeiros. A resposta aponta para a impossibilidade de os prazeres coabitarem com o conhecimento, pois sua característica principal é a perturbação da alma, promovendo uma espécie de loucura que ocupa o lugar da tranquilidade.

Os prazeres impedem que o conhecimento possa se manifestar plenamente, uma vez que atuam como um mecanismo de destruição de todo e qualquer tipo de saber. No entanto, é

importante ressaltar que não se trata aqui do prazer moderado, mas daquele que danifica a alma, provoca inquietação e se guia apenas pela aparência e pelo “vir a ser”, afastando-se da essência.

Mas os prazeres que têm compromisso com a verdade e que são considerados como puros têm uma familiaridade com o conhecimento, porque ambos se relacionam com a busca pelo bem, por uma vida que seja harmônica e que tenha como finalidade tornar a vida boa. Há também os prazeres que se encontram na saúde e na moderação, como já foi explicitado, uma vez que os prazeres imoderados são incompatíveis com a busca pelo bem.

Considerações finais:

A partir do texto exposto podemos concluir que o *Filebo* é um diálogo que contribui para que seja possível desvendar — ou ao menos compreender — como alguém que desfruta de um prazer desmedido, desconhece o verdadeiro prazer, posto que não tem como base o conhecimento. O *Filebo*, como sabemos, é um diálogo em que Sócrates e Protarco vão discorrer sobre os prazeres verdadeiros e falsos, os mistos e os puros, e se o prazer é mais elevado do que o conhecimento. Ambos os personagens, durante o diálogo, debatem sobre a unidade, o gênero e o que deve ser considerado como aquilo que pode proporcionar ao indivíduo uma vida boa — ou melhor, uma vida feliz.

Mas Sócrates não se limita a provar a existência de um prazer falso; ele propõe uma variedade deles — sendo, especificamente, três tipos de ilusões que nos fazem acreditar que estamos em constante prazer ao longo da vida: o prazer por antecipação, os prazeres imediatos e aqueles que têm como característica a dispersão da dor.

Os prazeres por antecipação são aqueles que surgem com a função de preencher uma falta, um vazio que o indivíduo sente. Já os prazeres imediatos são aqueles que não consideram os impactos das ações, nem refletem sobre as consequências da busca por experiências fugazes.

Por fim, existem os prazeres que se baseiam apenas no deleite de uma vida constantemente prazerosa, sem qualquer presença de dor na existência vivida. Essa ideia, no entanto, revela-se utópica: é impossível que uma pessoa experimente apenas prazer, como se sua vivência se resumisse a um êxtase contínuo.¹³⁰

¹³⁰ Na realidade, não há apenas uma espécie de prazeres falsos; há uma variedade deles: uma primeira espécie é apresentada em (*Filebo* 36c 41a), são os já mencionados prazeres falsos de antecipação sobre os quais falaremos mais adiante. Imediatamente depois destes, temos uma segunda espécie (41a-42c): são prazeres e dores que são falsos por terem suas grandezas mal avaliadas. Em outras palavras, os prazeres e dores imediatos, quando comparados aos prazeres e dores que desencadearão no futuro, sofrem, cada um deles, distorção de suas

Portanto, para que seja possível desfrutar e descobrir o verdadeiro bem, é necessário buscar os prazeres que não são tolos, que não têm como finalidade a intemperança e que não se orientam pelos vícios. A inteligência compactua com os prazeres puros e temperantes, aqueles que não se baseiam apenas em achismos ou em uma vida tomada pelas vicissitudes; deve prevalecer a virtude dos prazeres e a pureza.

Referências bibliográficas:

- AMARAL, Lúcia Fonseca do. *Platão, o arquiteto da felicidade: uma leitura da ética platônica a partir da análise do prazer*. p. 183. Tese (doutorado) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, Rio de Janeiro, 2014.
- ARAÚJO JÚNIOR, Anastácio Borges de (org.). Movimento. Perspectiva Filosófica. *Revista dos Programas de Pós-graduação em Filosofia da UFPE e UFPB*. Recife, v. 2, n. 34, 2010.
- ARAUJO, Gabriela Messias de. *Prazer e eudaimonia no Filebo*. p. 100. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2016.
- BRAVO, Francisco. *La naturaleza del placer en el Filebo de Platón*. Educ. e Filos., Uberlândia, v. 22, n. 43, p. 139-160, jan./jun. 2008.
- BARROS, Leander Alfredo da Silva. *O prazer na filosofia de Platão: algumas considerações a partir da leitura do Filebo*. p. 222. Dissertação (Mestrado em Filosofia) — Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.
- BRAVO, Francisco Bravo. A ética do Filebo é uma ética pluralista?. *O que nos faz pensar*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 42, p.165-183, jan.-jun. 2018.
- CARAM, Juliano Paccos. LUNKES, Leandro. Uma leitura do desejo do corpo e da alma no Filebo e no Banquete de Platão. *É: revista ética e filosofia política*. v. 2, n. 25, p. 211-223. dez. 2022.
- DE LA VEGA, Marta. El placer y el deseo en El Banquete de Platón: estética, ética y lógica. *LÓGOI Revista de Filosofia*. n. 31-32, p. 104-119. Semestre enero-junio/julio-diciembre 2016.
- DE PAULA, H. G. *O lugar do prazer na ética de Platão*. 1. ed. Saarbrücken, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

dimensões. Uma terceira espécie de prazeres falsos (42c-44b) inclui aqueles que se confundem com a ausência de dor. (Muniz, 2009, p. 296)

- MUNIZ, Fernando. Os prazeres falsos no Filebo de Platão. In: *Anais de Filosofia Clássica*, [S.l.], v. 3, n. 5, p. 30-39, 2009.
- MUNIZ, Fernando. *A potência da aparência: um estudo sobre o prazer e a sensação nos Diálogos de Platão*. São Paulo: Annablume Clássica, 2011.
- MUNIZ, Fernando. Apresentação do diálogo. In: PLATÃO. *Filebo: texto estabelecido e anotado por John Burnet; tradução, apresentação e notas de Fernando Muniz*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, p. 11, 2012.
- PLATÃO. *Filebo: texto estabelecido e anotado por John Burnet; tradução, apresentação e notas de Fernando Muniz*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2012.
- DE PAULA, H.G. *O Lugar do Prazer na Filosofia Moral de Platão*. 365f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- DOMINGUES, Ivan. *O prazer do texto: Platão, o círculo magnético e nós*. Síntese - Rev. de Filosofia. v. 37, n. 118, p. 227-241, 2010.
- FRANCALANCI, Carla. Sobre o prazer: o discurso socrático e o silêncio de Filebo. In: *Anais de Filosofia Clássica*, [S.l.], v. VIII, n. 15, 2014.
- GIMÉNEZ SALINAS, José Antonio. Platão e Damascio sobre os lugares do intelecto. *Eidos: Revista de Filosofia da Universidade do Norte* [en linea]. n. 25, p. 215-244, 2016.
- HADDAD, A. B. As Mulheres e o Prazer: Platão em diálogo com a tradição. In: AZAR FILHO, Celso Martins; COSTA, Admar Almeida da; HADDAD, Alice Bitencourt. (Org.). *Filosofia e Prazer: Diálogos com a tradição hedonista*. 1 ed. Seropédica: UFRRJ, v. 1, p. 65-75. 2012.
- HARDUIN, Pablo Souto Maior. *A Caverna dos Prazeres: o problema do prazer no argumento da República de Platão*. 423f. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- LEOPOLDO, Rafael. O silêncio de Filebo. *Sapere aude*. Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 93-103, jan./jun, 2019.
- LUNKES, Leandro. *Em que medida há medida no prazer? Uma leitura da relação entre prazer e racionalidade em Platão e em Epicuro*. p. 127. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Chapecó, 2022.
- MACIEL, Sonia Maria. Mútuas implicações: prazer e intelecto no Filebo. *Boletim do CPA*, Campinas, n. 15, jan./jun. 2003.
- MARQUES, M. P. Prazer e memória no Filebo. *Archai*, Brasília, n. 13, jul-dez, p. 91-98, 2014.
- MARTINS, António. Sobre a reminiscência em Platão. *Biblos*, Coimbra, v. LX1, 1985.

- MIGLIORI, Maurizio. *Dialettica e metafisica nel Filebo di Platone*. Milano: Vita e Pensiero, 1993. (Collana Temi metafisici e problemi del pensiero antico. Studi e testi, n. 28).
- MORALES, Fabio. En torno a la verdad y falsedad de los placeres en el Filebo de Platón. *Daimon. Revista de Filosofía*, n. 37, p. 37-47, 2006.
- OLIVEIRA, Anamar Moncavo Oliveira. A psicologia de Platão: sobre a teoria da psyché (alma) humana no diálogo Fedro, a partir das categorias do apolíneo e do dionisiaco. *Plêthos*, v. 2, n. 1, p. 176-196, 2012.
- OLIVEIRA, Samuel. Platão e o Problema do μεταξύ no Lysis. *Texto Aberto IEE*, n. 1, p. 1-29, 2018.
- OSMANCZIK, Ute Schmidt. Placeres verdaderos y falsos en el Filebo. *Nova Tellvs*, v. 34, n. 2, p. 135-142, julio-diciembre de 2016.
- PERINE, Marcelo. O Filebo de Platão e as doutrinas não escritas. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 25, n. 49, p. 149-171, jan. /jun. 2011.
- PERINE, Marcelo. Platão no caminho filosófico de Lima Vaz. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 39, n. 123, 2012.
- PLATÃO. *Filebo (o prazer, a vida boa)*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Livro de Domínio Público, 2012.
- RACHID, Rodolfo. A bela ordem incorpórea no Filebo de Platão. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 35, n. 2, p. 3-30, maio/ago., 2012.
- SAAR LEITE, Beatriz. *Acerca do belo no Hípias Maior de Platão*. p. 145. Dissertação (mestrado) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Rio de Janeiro, 2023.